

Babel

Mines Castanheira*

Alguém me dizia ainda agora que se deve morrer sobretudo de coisas confiáveis, de metáfora crónica ou de uma qualquer outra doença de raízes. Que são essas as palavras que lemos mais devagar, como se nos pudéssemos esgotar nelas e elas nos soubessem todos os segredos, nos quisessem roubar o coração. Há um luto singular nestas coisas pequenas, e são sempre pequenas as que a gente entrega a uma morte certa e confiável, essas que lemos mais devagar, que nos expõem a nudez mais baça. Alguém me dizia e eu acredito, ainda que desde babel não falemos a mesma língua, que, se possível, não devemos morrer antes das palavras, ainda que elas sejam pequenas e nossas de há pouco tempo. E mesmo assim morrendo, que as palavras, sobretudo as palavras, nos brotem das mãos, da matéria que ficar das mãos depois de termo certo e confiável, que isto de morrer de morte fácil é coisa que já outros fizeram, nos subam demoradas a continuar as torres que a vista ainda alcança e nos sirvam para virmos nascer nelas.

*Licenciada em Jornalismo e Ciências da Comunicação pela Faculdade de letras da Universidade do Porto. Programadora Cultural do Clube Literário do Porto. Publicou os livros de poesia “Inter-cidades” (Letras e Coisas, 2008) e “Plasticidades” (Magnólia-Quasi, 2005). Vencedora do Prémio Literário Valdeck Almeida Jesus de Poesia – II Edição, Salvador (Baía, Brasil), 2008, participou na antologia “Casa Lembrada, Casa Perdida” (São Paulo, 2008). Foi seleccionada para a *Mostra Jovens Criadores 2008* (Literatura) e integrou a colectânea “*Jovens Escritores 2008*” do Clube Português de Artes e Ideias.

